Seguem os 5 primeiros capítulos de *Os Brahamanes* (1866), de **Francisco Luís Gomes** (1829-1869), copiados segundo a publicação original do século XIX.

Capítulo 1 - O Bangaló

No districto de Oude, ao sul do famoso Gongrá, e a breve distancia de Lucnou, está situada Fizabad, a antiga capital do reino. Opulenta outr'ora, as suas muralhas tinham sido famosas antes de 1775, mas jazem hoje desmornadas; o seu palacio de Sujá Doulá fôra magnifico mas caiu em ruinas; a sua população rica emigrou para Lucnou; fugiram d'alli os reis, os principes, a côrte, o luxo e as paixões, cedendo o seu logar aos lavradores, aos rousinoes, á amenidade e ao trabalho. É campo o que fôra cidade.

Na epoca em que succederam os acontecimentos que vamos narrar. Fizabad pertencia ainda a dynastia Douiá. Tinha escapado á voragem do famoso tratado de 1801, em que o nababo Asof, escravo do destino e vixtima da propria fraqueza, vira com resignação a poderosa companhia da indias quebrar-lhe em bocados a côrta, e retalhar o reino, conservando-lhe apenas, em premio de tanta humildade, um título vão e uma soberania phantastica. Este golpe tão profundo, como robusto era o braço de Lord Wellesley que o vibrara, tornou-se cancro. E Oude, que encerra as origens dos quatro rios sagrados da India e a famosa Benares, que é a Roma do brahmanismo, desmornou-se e caiu em 1856 no vasto sorvedouro do imperio britanico.

No recosto de um teso, no centro de Fizabad, viam-se em 18..., como as do solitario eremiterio suspenso no cimo da montanha, as alvissimas paredes de um bangaló,¹ cercado da ramagem de umbrosas mangueiras, que depois de o guarnecer de uma densa e viçosa cinta de verdura, colleava e se estirava pelo teso abaixo até se perder nas extensas campinas. Para mais realçar este quadro, á esquerda as aguas do Gográ resplandeciam com a luz do brilhante sol dos tropicos.

O bangaló visto de perto dava idéia do luxo orientl, e do estylo leve e gracioso da architectura indiana. Era uma casa alta com tecto de fórma conica e achatado, sustentado sobre quatro renques de pilares. As suas paredes, construidas de pedra, eram grossas como

¹ Casa de recreio abarracada

muralhas de uma fortaleza. Cercava-a em todo ambito uma varanda com balaustres de pau sandalo, abrigada dos ardores do sol pelas redestecidas de raizes aromaticas, flores perennes, que, orvalhadas pelo ar da madrugada, exhalavam todos os dias perfumes suavissimos. O jardim, as cascatas, e os pankás ² conservavam nas diversas salas d'este vasto edificio uma frescura eterna. A longa escada que conduzia para o bangaló começava na raiz do teso e acabava no gradeamento. Era toda de pedra, e ladeada de duas ordens de frondosos arbustos, cujos ramos entrelaçando-se formavam um sobreceo continuo e ondulante.

Não são raros na India semelhantes bangalós, em que o luxo rivalisa com as commodidades, verdadeiros templos onde o *nababo*, o *rajá* e o *sahib*,³ reclinados em riquissimas ottomanas, qe n'uma somnolencia voluptuosa, recebem as adorações de turbas de servos submissos e indolente. Não pôde deixar de ser conhecido do leitor, pela fama, o bangaló *Constancia* do general Claude Martin, sendo monumento da magnificencia e bom gosto e uma das maravilhas de Oude. Custara mais de cento e sessenta mil libras a sua construcção.

Capítulo 2 – O Griffin

No referido anno de 18... o bangaló de Fizabad pertencia a uma familia irlandeza chamada Davis. Compunha-se esta de Mr. Davis, velho octogenario e paralytico, e de Roberto seu sobrinho e futuro herdeiro. Mr. Davis era natural de Dublin, d'onde viera de poucos annos para a India, em companhia de seu pae, que era official do exercito de Bengala. Sem nenhuma propensão para as armas e para os cargos públicos, Davis separou-se de seu pae e partiu para Oude, onde se estabeleceu como cultivador de tabaco. E tão bom manejo deu a esta industria até alli nova no paiz, que em breve praso ajundou imenso cabedal. A sua avidez, que crescia a par da sua riqueza, prendeu-o por tal modo á India, que n'ella veiu a envelhecer-se, sem nunca haver realisado o projecto que concebera de voltar para Europa. Um ataque de paralytia veiu finalmente cerrar-lhe para sempre as portas da patria e tolher a realização de um projecto tantas vezes espaçado. Havia dois annos que Davis jazia no seu leito, reduzido á sua segunda infancia, e como tal assistido e tratado. Fôra antes d'este inopinado

² Grandes ventarolas

³ Tratamento que se dá aos inglezes

acontecimento e para perpetuar sua prosapia, que elle mandara chamar o sobrinho que o leitor vae conhecer agora.

Era Roberto bem apessoado, de gentil semblante, e com todos os dons que dão agrado. Tinha trinta e dois annos, e havia apenas mezes que estava em Oude, administrando os bens de seu tio; dos quaes depois da morte d'este devia ser senhor, em virtude de testamento. N'uma idade tão nova, tão cheia de vida, e de movimento, tão vaporosa como a propria Londres, Fizabad devia horrorisal-o como o clautro horrorisa a donzella que n'elle vem sepultar, amortalhadas no grosseiro burel, a mocidade e a formosura. Roberto padecia e esperava no seu purgatorio. Os que haviam conhecido o moço sobrinho de Davis, no viço das suas vinte e tantas primaveras, radiante da alegria e entregue a todos os prazeres, desconhecel-o-hiam agora. Mudara completamente. Já não tinha aquellas maneiras delicadas e finas, creadas pela boa educação e aperfeiçoadas com o uso da sociedade. O seu caracter azedara-se na solidão. Havia só um momento em que o veio sombrio da muda tristeza que lhe entenebrecia o rosto se rompia, e um sorriso assomava aos seus labios: era quando tirava da algibeira o retrato da sua Helena, e o cobria de beijos. Na su solidão era-lhe este retrato unico allivio. Com elle falava e até cria que o retrato lhe respondia. Helena era linda como o sol, e orphã de mãe, a quem o seu nascimento custara a vida. Roberto deixara-a em Londres, em casa de uma familia irlandeza de abonada probidade, a quem recebesse a educação que elle com avultados cabedaes não conseguiria que junto d'elle lhe fosse dada.

A vida de Roberto corria monotona entre os deveres e as lembranças. O dia de hoje passava-se como o de hontem, o de amanhã havia de passar-se como o de hoje. De manhã trabalhava no escriptorio; das cinco para as seis dava um pequeno giro, montado no seu lindo cavallo arabe; as sete jantava; á noite tomava chá com frei Francisco, missionario portuguez de Oude. Não lia porque todos os livros lhe pareciam tristes: jornaes, nem os abria. Outro teria recusado a herança por tal preço; elle não, que tinha uma filha, cujo futuro unico lhe pejava o coração, distrahindo-o por instantes da sua tristeza. Roberto conservava todos os habitos e costumes que trouxera da Europa, com tanto maior rigor quanto lhe parecia extravagante e ridicula a vida molle, a que na India se habitiavam os seus conterraneos, sobre a qual raro resvalavam os seus chascos entremeados com o juramento de que havia de manter sempre a pureza e austeridade de *griffin*⁴.

⁴ *Griffin*, chama-se assim os inglezes que querem viver na India com simplicidade, e permitta-se-nos a expressão, burguezmente.

Os conductores do *palanquin*⁵ o *preparador do ulla(?)*⁶ os *criados do panká*,⁷ o *porta-chapeo*,⁸ o *botler*,⁹ o *moço do divan*,¹⁰ o *amassador*,¹¹ eram para o austero Roberto outras tantas sinecuras, tão ridiculas como importunas, que deviam ser suprimidas, e tel-as-hia cerceado de facto se não fôra a condescendencia que lhe cumpria ter com seu tio, que era ainda o senhor da casa.

Roberto não havia conhecido senão a sociedade no meio da qual se educara, e mancebo tivera todos esses defeitos que os annos corrigem depois, e que ás vezes até transformam em virtudes. Quando chegou á India, estava já enfermo seu tio e ausentes da cidade os poucos inglezes, que eram obrigados a residir n'ella em razão dos seus empregos. Afastado de todos, triste e esmagado debaixo do peso da saudade, nem animo nem paciencia lhe sobravam para estudar os costumes da India, e mais não cuidava fossem tão diversos dos da Europa.

O *spleen*, que devorava o moço sobrinho de Davis, revelava-se não só no seu ar triste, e nas suas maneiras seecas, mas no modo um pouco sobranceiro, com que tratava os numerosos criados. Poucas vezes lhes dirigia a palavra; ás peeguntas respondia com enfado, e aos salamalecks com desprezo. Não exceptuava d'esta regra nem o fiel brahamane Magnod, que possuia a confiança do velho Davis, e lhe merecera sempre particular estima e consideração.

Quem era esse Magnod? É o que o leitor vae saber.

Capítulo III - A pureza dos brahamanes

Os brahamanes são uma dynastia e uma casta. Brahama é o sol, e os brahamanes os seus raios. Os brahamanes saíram da bocca de Deus, como o mais puro dos seus verbos, e os sudros nasceram dos pés, como o mais vil pó. Não é dado ao sudro nem ao paria tocar no brahamane, como não é dado ás raizes tocas nas flores, nem á planta do pé tocar na bocca.

⁵ Uma especie de cadeirinha conduzida por quatro homens que se chamam amales.

⁶ Cachimbo grande.

⁷ Ventarola agitada por dois criados.

⁸ Um crapeo de sol muito maior do que se usa na Europa.

⁹ Criado de mesa.

¹⁰ O moço que conta historias.

¹¹ O que sova as extremidades com o punho da mão.

As mãos do paria que tocarem no brahamane imprimem n'elle o sello indelevel do inferno; o sangue da vacca que se esparzir sobre o seu corpo, penetra-o até a medulla dos ossos. A pureza do brahamane é como o orvalho pendente da folha, o qual desaparece para sempre, apenas n'elle se o toca.

Ha quedas que são augustas transformações. Cae Job no abysmo de miserias e encontra n'elle a magestade e a grandeza. A sua lepra torna-se purpura; as suas lamentações convertem-se em hymnos; a sua solidão povoa-se de anjos; as suas trevas alumiam-se do esplendor da sua fé; e a sua dor adormece aos embalos da esperança. Cae Saulo e levanta-se Paulo; cae o timido galileu e levnta-se Pedro; inflamado no amor e purificado pelas lagrimas; cae a Magdalena infame e levanta-se Magdalena sublime. A queda do corpo é o infortunio; a queda do espirito é o peccado. O arrenpendimento é a medicina do peccado, como o infortunio é o leite da santidade. Só para o brahamane que fôr uma vez tocado das mãos profanas do paria, ou do sangue da vacca, não ha salvação. Cae como Carthago, Ninive(?) ejerusalem. Nunca mais se levanta. A sua queda chama-se o inferno.

O brahamane é comparado ao diamante de Golconda, que nunca faz sombra; e ao arminho branco da Bretanha, que morre da primeira mancha. A sua pureza deve ser, como a virgindade, uma inteireza perfeita, intemerata, que não pode crescer nem minguar. Póde a lua, totalmente escurecida, restituir-se outravez a sua natural luz e formosura; não assim o brahamane, que uma vez infamado, nunca volta a sua pureza; não assim a honra da virgem, que uma vez perdida nunca mais se recupera.

Eis ahi o brahamane, qual o pintam as superstições, o orgulho e o fanatismo, e não os vedas; que o brahamane d'estes é menos puro e mais humano.

Magnod era brahamane como o queriam as superstições enão como o definiam os vedas. Entrara em tenra edade na casa do velho Davis, e ahi fôra recebido com os braços abertos pela fama que tinha de esperto e de muito versado na lingua ingleza. Dotado da mais clara intelligencia, da perspicacia natural a sua casta, e de actividade pouco vulgar na India, facil lhe fôra ganhar dentro de pouco tempo a intimidade e confiança de seu amo, que o respeitou sempre como um instrumento da sua fortuna e o tratou como seu amigo. Magnod teria trinta a trinta e cinco annos; bem proporcionado e robusto, tez bronzeada, olhos pretos, nariz aquilino (?) azeviche cobria-lhe os beiços (?) de betle¹² o seu (?) era (?) ; na sua

¹² Hasticatorio(?) indiano.

physionnomia havia não sei que de grave. Vestia, por cima de uma especie de blusa branca, um casaco de casimira (?), tendo do lado esquerdo uma algibeira, da qual pendia uma linda corrente de oiro; uma peça de lençaria atada na cintura e posta com tanto geito que affectava a fórmula de calças, cobria-lhe as coxas; as pernas estavam nuas da mesma côr.

Magnod não tinha cobiça de dinheiro. Atormentava-o a sêde de honras e distincções. No dia em que Davis o afagava com uma caricia e lhe dirigia um comprimento affectuoso em inglez, o coração não lhe cabia no peito de contente. Queria ser tratado como *socio da casa*:tal era o seu dizer. Davis, a quem fazia mais conta pagar os serviços e a fidelidade de Magnod com palavras do que com dinheiro, poz estorvos, antes alimentou o fatuo orgulho do brahamane, que já por tal modo estava habituado as atenções de seu amo, que as requeria quase como um dever. Em tudo mais o character de Magnod era reservado. Ninguem sabia dissimular melhor um resentimento, disfarçar uma ira com um sorriso, adiar uma vingança e esconder uma lagrima.

Magnod, posto que esclarecido, era de uma logica teimosa, e inflexivel em tudo quanto diz respeito á sua religião. O seu pantheismo, porém, nem era tão grosseiro que o arrastasse a uma vida material e voluptuosa, nem tão sublime que o alcançasse a espantosas macerações, cilicios e abstinencias. Cego de fanatismo, e escravo da fatalidade de sua logica, recusava aos parias e sudros a *sympathia* que concedia aos irracionaes. O principio das castas, defendia-o, já se vê, com todas as forças. Era dogma. Fôra Deus quem concedera aos Brahamanes o privilégio dêssa rehabilitação da queda original, que o christianismo estende a todas as creaturas como um direito, e que promette a todos os infelizes como a melhor esperança do futuro, e a mais doce consolação do presente.

O conhecimento da civilização europea, a convivencia com Davis, o Longo tracto com fr. Francisco não tinham, nem levemente modificado a rigidez das crenças de Magnod. Os principios, as imagens e os snetimentos sublimes que lhe apresentava o veneravel sacerdote do christianismo, ora estampados nas paginas sacrosantas da biblia, ora copiados fielmente no seu coração e vida exemplar, não podem abrandar, sequer, o orgulho do altivo indio.

Ha pouco um brahamane transportou-se ás margens do Ganges, e alli caiu desfallecido. As ondas do rio sagrado deviam arrebatá-lo para o ceo. Um inglez, julgando-o victima de algum accidente, recolhe-o em sua casa, e ministra-lhe cuidadosamente todos os socorros. – A casta brahamane declara infame o seu correigionario por haver bebido com os estrangeiros, e a justiça britanica condenna o inglez a alimentar-o. Não podendo resistir

atanto approbrio, o brahamane quer matar-se, e o inglez deixa-o em paz consummar o suicidio. Magnod era brahamane d'esta tempera.

Facil nos é comprehender, com o character que conhecemos a Magnod, quanto o deviam incommodar os maus modos de Roberto, e quanto lhe devia ser difficil acanhar os gestos de dignidade, que o habito de mandar vertera em toda a sua pessoa, Roberto poucas vezes lhe falava em inglez, e muitissimas escarnecia chamando-lhe *gentleman of colour*.

Com apparente indifferença ouvia Magnod taes motejos: mas em seu peito fervia um volcão e lavrava-lhe pelas veias fogo devorador.

O momento da explosão não era chegado ainda.

Capítulo IV - A queda.doc

A sala de jantar no bangaló era uma espaçosa galeria com cinco janellas que davam sobre o jardim. Uma pequena cascata de agua nativa tornava aqui mais viçosa a vegetação; o chão era todo alcatifado de relva; e as jasminaceas, baloiçando-se lascivamente com a brisa da tarde, exhalavam suaves fragancias. Na parede opposta á das janellas, via-se um riquissimo panká de seda, com grandes frocos fulctuantes. Dois robustos criados o agitavam sem descançar.

Eram sete horas, dia quinta feira, mez de bril, Á roda de uma mesa, onde brilhavam finissimos crystaes, pratas de Scinde e loiças de Japão, estavam assentados tres homens. Dois kustres pendentos do tecto iluminavam os convivas com um clarão tão brilhante como a luz do dia. Um era Frere, jovem official do exercito da India, e exercendo as funcções de residente na côrte de Asof; outro, que tinha a fronte calva, suissas brancas e rugas na testa, era Smith, o primeiro magistrado de Oude, e a todas as luzes o mais douto da companhia. O terceiro, que estava sentado no meio d'elles, era Roberto que fazia as honras da casa.

Frere tinha começado a falar ácerca do espolio da ultima rainha fallecida em Fizabad. Fazia a descripção das riquissimas joias d'esta princeza e dos seus thesouros, avaliados em mais de dois milhões de libras esterlinas. O magistrado e Roberto escutavam-o em silencio. N'isto abriu-se uma porta e entrou um sipai, que, depois de fazer tres profundos salamaleks, entregou a Roberto um papel fechado que trazia na mão. Era um despacho telegraphico.

Roberto, depois de inclinar-se em signal de pedir venia aos seus hospedes, abriu a carta e percorreu com avidéz as poucas linhas que ella continha. Depois, voltando se para o sipai, disse com vivacidade.

— Magnod que venha aqui quanto antes. Preciso falar-lhe.

O sipai partiu, e momentos depois voltou com a resposta que Magnod não queria vir.

Ou muito de proposito, ou por engano, o sipai dava um recado que não era exacto. Magnod dissera que não podia vir. De querer a poder vae muitas vezes uma insolencia.

Roberto, vivamente contrariado com esta inesperada resposta, lançou os olhos aos hospedes. Estavam indignados. Assaltou-o a colera por tal modo, que sem se lembrar do logar onde estava, e quasi fóra de si, bradou batendo o pé e dirigindo-se para os hamales¹³:

— Trazei-m'ó aqui já e já... ainda que seja de rastos.

Mal estas palavras foram pronunciadas, os hamales desapareceram como um raio.

D'ahi a pouco assomou á porta Magnod com um joelho em terra e outro no ar. Dois criados traziam-no agarrado pelos braços. Fazia horror vê-lo. Com os vestidos em desalinho, os cabellos soltos, a cabeça sem o inviolavel turbante, as faces lividas, arfava-lhe violentamente o peito, alvejava nos cantos da bocca a escuma, e nos olhos lampejavm brilhantes chispas.

A um acceno de Roberto, os criados largaram os braços de Magnod. O brahamane foi collocar-se á esquerda de seu amo. Alli deixou descair os braços, curvou a cabeça sobre o peito, e ficou immovel por alguns instantes.

— Não sabes que deve obediencia ao teu senhor? Perguntou-lhe Roberto entreabindo os labios tremulos.

— Perfeitamente! respondeu o brahamane com uma tranquillidade fulinante; assim como sei que um brahamanea deve primeiro que tudo a Deus; que nobre e senhor também eu sou.

Smith e Frere ouviam em silencio, mas com impaciencia, este dialogo. Conheciam sobejamente o caráter violento de Roberto, e já haviam percebido assás a altivez do brahamane, para não recearem alguma ocorrencia desagradavel.

— Que me importa a mim o teu Deus? O que me importa são os meus criados; redarguiu Roberto com violencia.

¹³ Criados que conduzem o palanquim e pertencem á casta baixa.

— Senhor, replicou Magnod, erguendo a cabeça e com lábios tremulos de colera. Depois que os vossos baixos hamales puseram mãos impuras no meu corpo sagrado, não posso nem devo trocar comvosco uma só palavra. O vosso procedimento foi *indigno*.

— Cala-te, miseravel! rugiu Roberto atirando á cara de Magnod um prato com *roast-beef* que tinha diante de si.

Os convidados saltaram nas suas cadeiras, como se cedessem a um movimento mechanico; os numerosos criados que cercavam a mesa, nem pestanejavam; Magnod cobriu o rosto com as mãos murmurando com voz afogada:

— Estou perdido!

— Tirae-m'ó de diante! prosseguiu Roberto, cuja colera tocava as raias da demencia.

Dois criados ladearam o brahamane, que tinha ainda a cara tapada com as mãos.

Magnod caminhou com passos lentos para a porta. Ahi parou. Parecia meditar. Depois, virando para traz, olhou para Roberto com os olhos que faiscavam furor, soltou um rugido e desapareceu.

Que olhar! E que rugido!

N'aquelle olhar fundira Magnod o odio, a raiva, a vingança, e a desesperação que lhe lavravam a alma e juntara os olhares a mil pantheras. Aquelle rugido era a terrivel interjeição que rompe das entranhas do condemnado, como o ruido de uma explosão. O olhar e o rugido juntos eram a chamma da escorva e o ribombo do canhão, o relampago e a trovoadas das paixões humanas, que tambem teem as suas tempestades terriveis.

Silencio no sepulchro reinou por alguns momentos na sala de jantar. Crer-se-hia que o olhar de Magnod tinha feito gelar o sangue de todos. Passado o primeiro impeto, Roberto estava corrido e arrependido de seu procedimento, e não sabia como desculpar-se d'elle para com os seus hospedes, a quem tinha incommodado com uma scena tão desagradavel. Frere estava estupefacto. Só o magistrado, perfeito conhecedor dos costumes da India, atinara com a verdadeira causa d'este desastroso successo, Não ousava revelal-a para não aggravar a situação de Roberto.

— São insupportaveis esses indios com o seu genio altivo, disse por fim Frere, quebrando o silencio que começava a ser longo.

— Ou antes com as suas supertições, atalhou Smith.

— Como assim? interrompeu Roberto.

Smith hesitou alguns instantes... depois continuou:

— É que os brahmanes nunca se aproximam de nós quando estamos a jantar.

— É verdade! acudiu promptamente Frere.

Roberto fez um signal aos criados para continuarem a servir o jantar e não deu mais signal desi. De quando em quando levava o punho cerrado á frente, como se quizesse esmagar uma idéa. Já lá estava o remorso.

Em quanto isto se passava na sala de jantar, Magnod entrou no gabinete de Davis, fechou-se dentro d'lle por alguns minutos e depois saiu do bangaló.

Era meia noite. Os convidados levantaram-se da mesa. O jantar durara cinco horas.

Capítulo V - A viuva do indio na se consola: mata-se.

Tres dias depois dos factos que relatamos, um homem rodeava a modesta casa de Magnod, parando de espaço a espaço, e sem ousar entrar. Hesitava entre a consciencia que lhe dizia <<anda>> e o orgulho que lhe aconselhava <<volta>>. A sua altivez espinhava-se com violencia tal, que era impossivel calcular-lhe a força. Perseguia-o a idéa de que poderia inspirar comiserção, e outra mais horrorosa ainda a de ser despedido, depois de aturadas insolencias e humilhações.

— Terei eu forças para supportar taes affrontas a um indio que foi ha pouco meu criado? Oh! isso não! Seria degradar-me aos olhos d'esta gente; seria perder o prestigio dos europeus, que é a sua unica força n'estas terras. Não... mil vezes não... Voltarei...

Mas não voltava! Havia alguém que o retinha alli de sua mão, que lhe esmagava o coração, que havia de povoar logo de visões as suas noites. Esse tyrano era a consciencia, e a sua victima, como o leitor já terá percebido, o moço sobrinho de Davis.

Roberto armou-se finalmente de valor e subiu com precipitação os poucos degraus da escada da casa de Magnod. Parou defronte da porta e escutou. A quietação era completa. Bateu repetidas vezes: ninguem lhe respondia. Olhou pelo buraco da fechadura, e recuou de espanto e horror. Vira um cadaver. Correu a dar parte á policia; veiu esta e arrombou a porta. Triste espectáculo se apresentou então aos olhos de todos. E, espaçoso aposento, e pouco claro como o apontar da aurora, via-se um corpo de mulher suspenso da corda, preso n'uma das vergas do tecto. A infeliz trajava debranco. Tinha a lingua de fóra e as feições inchadas; dois fios de saliva negra e ensanguentada pendiam-lhe de cada canto da bocca. Logo abaixo

duas crianças nuas dormiam profundamente, abraçadas a um cão. Todos ficaram petrificados diante d'este grupo, em que viam confundidos o homem e o animal, a morte e a vida, o crime e a innocencia.

Muphti, era esse o nome do cão, apenas deu com os olhos em Roberto, chegou-se para ao pé d'elle e começou a olhal-o fito. O orgulho inglêz curvou a cabeça, e os cabellos eriçaram se-lhe todos. Ouvira a sua sentença. É que o juiz de todos nós é a consciencia, e esta transforma as pedras em testemunhas, os animaes em magistrados, o leito em patibulo, a vida em inferno, mas nunca o reo em innocente. Muphti era n'este momento severo censor, porque a consciencia de Roberto se convertera em tyranno.

Foi grande o alvoroço que este desastroso caso fez Fizabad. Ondas de povo succediam-se em casa de Magnos.

Em quanto a policia procedia ao auto do corpo delicto, procurando inteirar-se de todas as particularidades do factio, Roberto, assentado em uma cadeira, parecia estranho a tudo quanto se passava á roda d'elle.

A monotonia das indagações foi interrompida de repente pela voz de um sipai, que, entregando ao chefe da policia uma carta aberta, lhe disse:

— Achei-a n'uma alcova. Não sei o que ella contém.

As palavras do sipai divertiram a attenção geral. Roberto poz-se immediatamente em pé. O chefe leu primeiro a carta para si, e depois para os que, acercando-se d'elle, esperavam ancisos saber o seu conteudo. Rezava ella assim:

Minha querida Bima.

<<Nasci rei e senhor de todas as creaturas; <<agora vago foragido no meio das <<selvas, e rojo pela terra como a ave altiva que cae ferida das eminencias do espaço, <<tendo ainda no peito a setta peçonhenta. A luz que fôra accesa por Brahama, para <<iluminar o mundo, apagou-se com o sopro impuro do baixo paria, e com as gotas do <<precioso sangue da vacca.

<<A minha alma despenhou-se nas profundezas do inferno para nunca mais <<emergir. As minhas lagrimas, ainda que tão sagradas e copiosos fossem como as <<aguas

do Ganges, não lavariam a nodoa do inferno que a malvadez cuspiu na minha <<augusta
fronte de brahamane.

<<Luctar com a desgraça é nobre, combater com a fatalidade é loucura. O
<<impossível é incencível. A minha sorte hade cumprir-se.

<<Tudo para mim é negro. Branco, branco, só me parece esse malvado <<allumiado
pelas faiscas da minha immensa colera.

<<Quero morrer e não posso. Fico suspenso entre os horrores da eternidade que
<<me apovoram e os festins da vingança que me atrahem. Deus! Deus! Porque me <<negaes
o aniquilamento?

<<A minha vida deve ser uma noite continua illuminada a intervallos só pela <<estrella
magica da vingança. Todos me voltarão as costas; todos me apontarão com o <<dedo;
ninguem me falará; os parias zobarão de mim; o sarcasmo encontra-me-ha sem <<a purpura
da casta e sem o braço da raça; as settas penetrar-me-hão até ás carnes. <<Deus não ouvirá
as minhas supplicas, porque eu perdi o primeiro dos direitos do <<brahamane, que é o direito
de orar; contudo preciso viver e quero, para ganhar com o <<matyrio a vingança, que é meu
unico eco.>>

<<Querida Bima! Triste de ti e de nossos filhos! Quando o tronco toma no <<lodaçal
immundo, impellido pelo braço vil paria, as folhas e fructos não podem ficar <<puros.
Desamparados dos parentes, dos vizinhos e dos amigos que vida será a <<vossa?>>

<<A viuvez com degradação, a orphandade com desprezo não ha peito que
<<suporte.>>

<<Todas as separações teem um fim em que o amor crê firmemente, e pelo qual
<<suspira como o desgraçado pela estrella amiga, que vem a espaços fulgurar nos <<abysmos
do horisonte; a minha condemnação é eterna... eterna, Bima!

<<Adeus para sempre. — Teu do coração,

Magnod.

Durante a leitura da carta, Roberto esteve com a vista no chão, imóvel como uma estatueta. Cada palavra d'ella atravessara-lhe o coração como um punhal. Não ousou levantar os olhos por que temeu que lhe adivinhassem no semblante o que se passava no íntimo da sua alma, e que todas as bocas se abrissem para lhe repetirem: — *Tu és a causa de todas estas desgraças!*

O chefe da policia dobrou a carta e mettu-a algibeira, muito contente d'esta descoberta. Não era preciso indagar mais. Estavam explicadas as causas do suicidio. A verdadeira policia tem d'estes acerbos prazeres. Para ella, adivinhar onde está o criminoso, e atinar com a causa do crime é resolver um problema.

Antes de concluir o auto, perguntou o chefe da policia voltando-se para os circumstantes:

— Quem querará encarregar-se d'estas creanças?

— Os parentes de certo que não; acudiram promptamente os sipais.

— Eu! exclamou um homem atravessando o circulo dos sipais.

Voltrou-se. Era frei Francisco, missionario portuguez do reino de Oude, Um raio de sol illuminava o semblante pallido e macerado do frade, e reverberava na sua lustrosa calva como na superficie prateada do mar. Parecia coroado do mais brilhante diadema. A virtude tambem tem os seus reis. Roberto apertou a mão de frei Francisco e disse-lhe ao ouvido:

— Nós!

Uma hora depois frei Francisco recolhia-se a sua casa.

Seguiam-no um cão e duas creanças. Era o que restava da familia do infeliz Magnod.

No mesmo dia foi enterrado o cadaver de Bima, A religião brahamaica negou-lhe as preces, e a christã não pôde concender as suas. Deu-lhe as lagrimas a caridade que é a religião de todas as religiões, e uma como Deus de quem procede, Porém, só a esperança pôde cobrir de galas a horrorosa nudez da morte.